

As oportunidades do momento

A desvalorização do dólar e a redução da taxa de juros de alguns países podem ser benéficas para o Brasil, embora a prudência aconselhe a não considerar esses dois fatos como duradouros.

As transações comerciais do Brasil com o exterior são feitas em dólar. Os longos anos de crescimento da economia dos Estados Unidos permitiram que a moeda norte-americana se valorizasse, especialmente em relação às moedas dos países asiáticos, sobretudo o ien. O dólar valorizado dificulta as vendas do Brasil ao exterior – na medida em que, excluída a hipótese de uma desvalorização do real, os produtos exportados tornam-se mais caros – enquanto os que fornecem bens e serviços ao País beneficiam-se dessa valorização, pois podem exportar seus produtos

para o Brasil a preços mais baixos (em dólar), porquanto recebem em uma moeda forte. A situação do comércio exterior brasileiro tornou-se mais delicada depois que a maior parte dos países asiáticos realizaram uma maxidesvalorização de suas moedas.

A desvalorização do dólar deve ser recebida como positiva para o comércio exterior brasileiro. É preciso ver, no entanto, que a flutuação da moeda norte-americana registrada nos últimos dias pode não representar uma tendência, mas apenas refletir uma demanda muito grande de iens da parte de fundos de investimento. Se for essa a causa da desvalorização do dólar, os exportadores brasileiros deveriam aproveitar rapidamente a oportunidade de que se lhes oferece. Ademais,

se a saída de divisas do Brasil não fosse tão grande, seria aconselhável antecipar o pagamento da dívida externa que não foi contraída em dólar.

A redução da taxa de juros iniciou-se nos Estados Unidos, sendo seguida pouco depois por outros países, como a Grã-Bretanha, a Espanha e Portugal, cujos bancos centrais acompanharam a decisão do Fed. Ora, na medida em que os juros da dívida externa brasileira são, de uma maneira geral, flutuantes, variando de seis em seis meses, a redução de juros poderá trazer algum ganho – pequeno – no pagamento do serviço da dívida externa, porque a redução dos juros foi pequena. Aliás, tem-se a impressão de que – decidida para evitar uma eventual recessão interna – ela foi pequena porque os bancos

centrais encontraram a resistência dos bancos centrais alemão e francês a reduzir suas taxas, pois suas direções não quiseram adotar a política de uma redução conjunta.

Na conjuntura atual, apesar desses fatores conjunturais favoráveis, não será fácil ao Brasil levantar novos empréstimos no exterior. Isso porque, como assinalado, a redução de juros foi determinada mais por fatores internos do que externos – exceto no caso do Fed, em que a conjuntura internacional pesou bastante.

Em contrapartida, os altos juros vigentes no Brasil tornam-se mais atraentes para os investidores estrangeiros. Eles, porém, estão interessados apenas em operações de curto prazo e, neste momento de instabilidade, o Brasil procura evitar essas operações.